

Os Valentinianos E A Ruptura Com O Cristianismo Eclesiástico No Século II

Carlos Almir Matias

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir a ruptura dos valentinianos com o cristianismo eclesiástico no século II. Nesse período o cristianismo já estava presente em quase todas as partes do Império Romano, não era mais um fenômeno especificamente do contexto judaico. Porém, essa expansão causou a divisão do movimento cristão, vários grupos se diziam fazer parte da “verdadeira igreja”, mas cada grupo tinha uma visão totalmente diversa em relação as questões doutrinarias e ao significado das Escrituras, na verdade, alguns grupos nem aceitavam alguns textos do Novo Testamento, outros recusavam o Antigo Testamento na íntegra, outros tinham os seus próprios textos. Um desses grupos era o dos valentinianos, liderado por um mestre e poeta gnóstico chamado Valentino, o gnosticismo ao longo do século II foi uma grande ameaça para o grupo que se dizia fazer parte da “verdadeira igreja”, ou seja, o grupo de qual fazia parte, por exemplo, Irineu de Lião. O movimento liderado por Valentino talvez tenha sido o mais importante e o que mais incomodou os líderes da igreja no século II. Nessa perspectiva, vamos refletir do por que os valentinianos eram considerados uma ameaça pela “florescente ortodoxia”. Para esse trabalho, vamos nos utilizar como fonte, da obra de Irineu de Lião, *Adversus Haereses* escrita no século II, com o intuito de apresentar e refutar os movimentos gnósticos. Também vamos recorrer a alguns escritos valentinianos como contraponto a obra de Irineu de Lião, mais especificamente aos seguintes escritos: “O Evangelho da Verdade”, que alguns estudiosos acreditam ter sido escrito pelo próprio Valentino, “Uma exposição valentiniana. Sobre a unção, Sobre o batismo” e “A Interpretação do Conhecimento”, todos escritos provavelmente no século II, mesmo período em que foi escrito *Adversus Haereses*. Primeiramente vamos analisar a trajetória individual do mestre gnóstico e poeta Valentino, em seguida vamos discutir o relacionamento entre o cristianismo eclesiástico e gnosticismo ao longo do século, refletindo sobre o processo de hierarquização da igreja e sobre o surgimento do movimento gnóstico, mais adiante vamos analisar os embates entre os discípulos de Valentino e os líderes da “florescente ortodoxia” e as causas da ruptura dos valentinianos com a igreja, para depois analisar a organização interna desse círculo gnóstico, discutindo sobre a sua organização, hierarquia, apresentando os seus sacramentos e apresentando também os embates dentro do próprio círculo valentiniano, devido a brigas internas, o que acarretaria o seu enfraquecimento em relação a igreja.

Palavras Chave: Cristianismo eclesiástico, Ruptura, Valentinianos

Introdução

Este trabalho tem por objetivo discutir a ruptura dos valentinianos com o cristianismo eclesiástico no século II. Nesse período o cristianismo já estava presente em quase todas as partes do Império Romano, não era mais um fenômeno especificamente do contexto judaico. Porém, essa expansão causou a divisão do movimento cristão, vários grupos se diziam fazer parte da “verdadeira igreja”, mas cada grupo tinha uma visão totalmente diversa em relação as questões doutrinárias e ao significado das Escrituras, na verdade, alguns grupos nem aceitavam alguns textos do Novo Testamento, outros recusavam o Antigo Testamento na íntegra, outros tinham os seus próprios textos.

Um desses grupos era o dos valentinianos, liderado por um mestre e poeta gnóstico chamado Valentino, o gnosticismo ao longo do século II foi uma grande ameaça para o grupo que se dizia fazer parte da “verdadeira igreja”, ou seja, o grupo de qual fazia parte, por exemplo, Irineu de Lião. O movimento liderado por Valentino talvez tenha sido o mais importante e o que mais incomodou os líderes da igreja no século II.

Nessa perspectiva, vamos refletir do por que os valentinianos eram considerados uma ameaça pela “florescente ortodoxia”. Para esse trabalho, vamos nos utilizar como fonte, da obra de Irineu de Lião, *Adversus Haereses* escrita no século II, com o intuito de apresentar e refutar os movimentos gnósticos. Também vamos recorrer a alguns escritos valentinianos como contraponto a obra de Irineu de Lião, mais especificamente aos seguintes escritos: “O Evangelho da Verdade”, que alguns estudiosos acreditam ter sido escrito pelo próprio Valentino, “Uma exposição valentiniana. Sobre a unção, Sobre o batismo” e “A Interpretação do Conhecimento”, todos escritos provavelmente no século II, mesmo período em que foi escrito *Adversus Haereses*.

A escolha desses três escritos valentinianos se faz pertinente pelo fato destes apresentarem pontos importantes, tais como a doutrina valentiniana apresentada pelos próprios discípulos de Valentino, por exemplo, como já foi destacado, “O Evangelho da Verdade” além de possivelmente ter sido escrito por Valentino, esse texto apresenta as idéias valentinianas sobre o significado da obra de Jesus, e outras questões pertinentes, como por exemplo, como o erro entrou no mundo, e como retornar ao Pai, que segundo os gnósticos era o Princípio de todas as coisas.

O texto “Uma Exposição Valentiniana, sobre o batismo, sobre a unção” nos é uma oportunidade de também pensar sobre a doutrina valentiniana sobre a criação do mundo material, mas também nos oferece a possibilidade de analisar alguns fragmentos litúrgicos de uma celebração de batismo e eucaristia, e por fim, o escrito “A Interpretação do conhecimento” nos apresenta a leitura de cristãos valentinianos sobre a igreja, a união da comunidade e os ensinamentos e cartas de Paulo.

1.0 A Trajetória Individual de Valentino.

Não sabemos muito sobre a vida de Valentino, onde e quando ele nasceu, ou sobre sua juventude antes de se tornar um mestre gnóstico, sabemos apenas de sua atividade como mestre gnóstico, é bem provável que ele tenha nascido no Egito, mas isso é apenas uma suposição.

Valentino ensinou por volta do ano de 137, estabelecendo escolas no Egito e em Chipre, é considerado um dos maiores pensadores gnósticos do século II. Em 138, Valentino chegou a Roma, proveniente de Alexandria, e ali lecionou até 166. (BROWN, 1988)

Valentino emergiu como um dos maiores guias espirituais da comunidade cristã numa geração que produziu mestres do calibre de Justino e Taciano. Acreditava-se que fosse considerado um possível candidato ao cargo de Bispo de Roma. (BROWN, 1988).

Segundo Ogrady (1994) ele jamais estabeleceu uma igreja e não deixou livros sobre os seus ensinamentos, apesar de que é possível que uma grande parte do Evangelho da Verdade, descoberto em Nag Hammadi seja de sua autoria. Valentino considerava-se um cristão. Seu propósito provavelmente era a formulação de uma filosofia cristã, que tornaria as idéias cristãs aceitáveis do ponto de vista intelectual pela sociedade helenizada do Egito e de Roma.

Todos os escritos valentinianos encontrados na Biblioteca Copta de Nag Hammadi foram escritos provavelmente por discípulos de Valentino sob influência de suas idéias, e em alguns escritos percebe-se até uma ruptura com as idéias principais de Valentino, o que caracterizaria a formação de outro círculo gnóstico.

Valentino afirmava que aprendeu seus ensinamentos secretos com Teúdas, um dos discípulos de Paulo, os seguidores de Valentino afirmavam que somente os seus evangelhos e revelações continham tais ensinamentos. (PAGELS, 1979).

Era muito comum nas seitas gnósticas, essa idéia de conhecimentos secretos repassados apenas a um grupo limitado de seguidores, esses conhecimentos eram transmitidos de forma verbal, ou por meio de escritos secretos. (JOHNSON, 2001).

Tertuliano dizia que Valentino queria ele próprio se tornar bispo da igreja e que, quando outro homem foi escolhido em seu lugar, encheu-se de inveja e ambição frustrada e desligou-se da igreja para formar um grupo rival. (PAGELS, 1979).

Ainda segundo a autora, poucos historiadores acreditam na história de Tertuliano, pelo fato de tratar-se da repetição de uma polemica típica contra a heresia- a de que a inveja e a ambição levaram os hereges a se afastar da verdadeira fé. Em segundo lugar, por que, cerca de vinte anos depois desse suposto incidente, seguidores de Valentino continuavam considerando-se membros da igreja, resistindo com indignação às tentativas dos ortodoxos de expulsá-los. Isso sugere que os ortodoxos, e não aqueles que chamavam de hereges, é que iniciaram a cisão. (PAGELS, 1979).

Mas qual seria o motivo principal dessa cisão? Seria apenas uma questão de divergências doutrinárias ou a questão poderia ser também política pelas posições de mando dentro da igreja ao longo do século II. Para responder a essas questões vamos primeiramente analisar como a igreja se estruturou e se organizou ao longo do século II e a sua relação com o gnosticismo.

2.0 O Cristianismo Eclesiástico e Gnosticismo no Século II

No século II, as comunidades cristãs já estavam presentes em todo o Império Romano, separadas por longas distâncias. Até cerca do ano de 150 de nossa era, os cristãos não dispunham de nenhum livro próprio nem de um conjunto de regras sistematizadas. Cada comunidade possuía conduta própria e era dirigida de acordo com as percepções da liderança local, com crescentes e diversificadas interpretações de Jesus e Paulo. (SIQUEIRA, 2003).

Segundo Pagels (1979) algumas comunidades cristãs iam se organizando numa espécie de escalões subordinados de bispos, padres, diáconos e leigos. Em muitas igrejas, o bispo despontava como um monarca, reivindicando para si o poder de agir como disciplinador e juiz daqueles que chamava de “leigos”

Desde cedo à cristalização da ossatura interna reforçara o papel dos guardiões, dos *epískopoi*, encarregados de administrar a vida comum, ocupando-se dos bens da comunidade, da administração do culto e do banquete comuns (*ágapai*), e do socorro dos pobres. Também havia os *presbyteroi*, que podem ter precedido os *epískopoi* nas comunidades menores. (GEREMEK, 1989).

Na comunidade primitiva, a autoridade dos chefes fundava-se nas suas qualidades individuais, mas ao mesmo tempo, percebem-se grupos fortemente organizados. As cartas de Santo Inácio são muito significativas, pois demonstram a preocupação de manter as

comunidades cristãs unidas em torno do bispo, pois este era detentor de carisma pessoal e espiritual. (GEREMEK, 1989).

O bispo era considerado como o chefe (*caput*) de sua comunidade, como o “príncipe”, mas ao mesmo tempo como o homem espiritual dotado pelo Espírito Santo das qualidades necessárias para a direção da comunidade. Este foi visto como o sujeito inicial da vida cristã, a realidade primeira da cristandade *ekklésia*, no seu sentido etimológico e histórico, reconduz à idéia de comunidade, de fraternidade, de assembléia. (GEREMEK, 198, p.169).

Geremek (1989) destaca que o princípio comunitário era muito forte e o bispo, como guardião da comunidade, dirigia preces a Deus em nome de sua comunidade, afirmando-se unicamente pelo seu “poder espiritual”.

A noção de “poder espiritual” e de autoridade dos bispos provinha da idéia de inspiração divina na qual Deus, através de seus sinais lhe mostrou a sua vontade. Nas comunidades cristãs o poder sobre os fiéis era atribuído unicamente a Deus, o bispo apenas intermediava esta relação. (GEREMEK, 1989).

Segundo Geremek:

A história dos primeiros séculos de existência do cristianismo foi, de facto, a da expansão de uma comunidade organizada. O crescimento numérico dos cristãos e a convicção de possuírem a verdade determinavam o universalismo da visão cristã. Formando uma ossatura organizativa, o cristianismo empreende uma luta pelo monopólio ideológico religioso. (GEREMEK, 1989, p.170).

Mas ao mesmo tempo em que esta ossatura organizativa estava ganhando corpo ao longo dos dois primeiros séculos, outros grupos menos organizados, que reclamavam para si as verdades da fé, surgiam e ameaçavam o monopólio ideológico da florescente ortodoxia. Esses grupos eram conhecidos como gnósticos pelos Padres da Igreja.

Segundo Kochakowicz (1989, p.318), os gnósticos se caracterizavam por terem apresentado a versão radical e negativa do mundo material, como criação de uma força má. Ainda, segundo o mesmo autor, esta versão negativa, parece ter-se difundido imensamente nos dois primeiros séculos do cristianismo. Para o autor, o gnosticismo surgiu antes de Cristo, mas ao ter assimilado elementos do cristianismo, essas seitas podem ter sido consideradas heresias cristãs. Segundo o autor:

Os gnósticos criam que o mundo físico fora criado por um demiurgo malévolos e que as almas humanas, que têm a sua verdadeira morada no Céu, estão aprisionadas nos corpos, Jesus Cristo, que não tinha em si qualquer quota-parte de mal, não podia ter tido um corpo físico nem ter realmente ressuscitado. A libertação espiritual dos homens requer, por um lado, uma vida ascética, que vá contra todos os desejos naturais, e, por um outro, um progresso no conhecimento esotérico, apenas acessível a alguns, e que os gnósticos afirmavam possuir. (KOCHACOWICZ, 1989, p.318).

A Igreja, nos primeiros séculos procurava levar a sua mensagem a todos os lugares possíveis, organizando comunidades e assim, aumentando o número de convertidos, de início no mundo judaico, e depois entre os gentios, sendo sua proposta universalista. As seitas gnósticas pareciam ser muito exclusivistas, seu espaço de atuação era limitado, mas os seus adeptos concorriam com a proto- ortodoxia. As seitas gnósticas cristãs não tinham caráter universalista, pelo contrário, suas idéias eram secretas e apenas algumas pessoas tinham acesso a elas.

Essa diferença no espaço de atuação diferencia a Igreja Primitiva das seitas gnósticas cristãs, por isso os membros da Igreja sentiam a necessidade de dotá-la uma organização mais complexa, pelo fato desta atuar em vários espaços, e ter que administrar várias comunidades que deveriam estar interligadas entre si, padronizando questões doutrinárias e ritualísticas, bem como questões financeiras. Como as seitas gnósticas atuavam num espaço limitado, não se necessitava de uma organização muito complexa, pois as seitas gnósticas cristãs não dialogavam entre si, e muitas vezes haviam rivalidades entre esses grupos, devido ao caráter sincrético do gnosticismo.

Apesar destas diferenças de organização, Brown (1988) destaca que os pequenos círculos de estudos foram às fontes de energia da cultura cristã no século II. O autor destaca que a noção de heresia desenvolveu-se cedo entre os cristãos, que a consideravam um desvio das verdades originais do cristianismo.

Um dos grupos, ligados aos bispos e ao clero, queria apresentar-se como representante da “Grande Igreja”. Alegava não apenas ter sido o único a preservar os ensinamentos autênticos de Cristo, todos os grupos afirmavam fazê-lo, mas também representar a visão de uma esmagadora de fiéis bem orientados. (BROWN, 1988, p.96).

Segundo Brown (1988) coube a esses pequenos grupos conduzidos por professores isolados suportarem o impacto da pretensão do clero a representar a corrente principal da fé cristã. Eles foram à minoria que tinha de sofrer para que a “Grande Igreja” pudesse se considerar porta-voz da maioria. Vários líderes isolados, se viram condenados como hereges pelo clero local.

O século II havia um quadro bem distinto de organização dos movimentos cristãos, de um lado a Igreja com sua estrutura baseada numa hierarquia de bispos, padres e diáconos e do outro lado, os círculos gnósticos cristãos com uma estrutura simples de professores e discípulos que se reuniam para refletir sobre os mistérios da *gnosis*. Mas por que o grupo de Valentino se afastou da igreja e se apresentou como a maior ameaça para a ortodoxia emergente?

3.0 Os Valentinianos e a Igreja

Como já foi mencionado acima, o grupo de Valentino inicialmente fazia parte da igreja e foi excluído possivelmente em resistência ao processo de hierarquização da igreja.

De acordo com Pagels (1979), o gnosticismo valentiniano era a forma mais influente e sofisticada de ensinamentos gnósticos, e de longe a mais ameaçadora para a Igreja. Ainda segundo a autora, os valentinianos recitavam o credo ortodoxo, tal como os outros cristãos, por isso poucos cristãos os consideravam hereges. Isso irritava muito Irineu, que os considerava falsos e dissimulados: “Na aparência exterior, tais pessoas são como cordeiros, pois parecem ser como nós pelo que dizem em público, repetindo as mesmas palavras [de confissão], mas internamente são lobos”. (IRINEU *apud*: PAGELS 1979, p. 61).

Os valentinianos tinham muitos ensinamentos similares aos dos ortodoxos, e aparentemente, agiam como tal, pois até recitavam o credo ortodoxo, pelo fato de se considerarem tão membros da Igreja, como os outros cristãos.

E realmente analisando alguns trechos escritos por Valentino, os fiéis possivelmente não percebiam muitas diferenças entre o que o bispo dizia do que Valentino e seus seguidores pregavam.

O Evangelho da Verdade é alegria para aqueles que tenham recebido do Pai da verdade a graça de tê-lo conhecido, por meio da força da Palavra lançada pelo pleroma, aquele que esta na mente e no pensamento do Pai, ou seja, aquele que e chamado como o ‘Salvador’ (que) sendo o nome do trabalho que esta prestes a desenvolver para a redenção daqueles que eram ignorantes da presença do Pai, enquanto em nome [...] evangelho esta a proclamação da esperança, sendo descoberta por aqueles que a buscaram. (O EVANGELHO DA VERDADE).

Percebe-se que nesse trecho, Valentino utiliza-se de uma linguagem muito próxima da dos líderes da igreja, por exemplo, quando ele fala do Pai, ele não esta falando do Pai, no sentido do Deus Pai apresentado pelos líderes da igreja, mas sim no sentido do Pai, Principio de todas as coisas, do Pai Primordial, mas será que os fiéis percebiam essa diferença? Talvez para os fiéis, Valentino estaria falando a mesma coisa que o bispo, cabia apenas aos seguidores de Valentino convencer o fiel a participar de suas reuniões, para que depois

iniciasse o processo de convencimento destes, para que em seguida, se expusesse melhor a doutrina do Pai aos fiéis.

A ignorância sobre o Pai gerou a angústia e terror; e a angústia cresceu tão sólida quanto a névoa, para que assim ninguém fosse capaz de ver. Por esse motivo, o erro se tornou poderoso; gerou-se em sua própria matéria de forma insensata, não tendo conhecimento da Verdade. (O EVANGELHO DA VERDADE).

É possível que, na Igreja já houvesse muitos simpatizantes das idéias valentinianas, e é provável também que, muitos seguidores das idéias gnósticas se infiltrassem dentro da Igreja, para atrair mais seguidores para os círculos gnósticos, por isso eles tinham que agir como “cristãos normais”, ou seja, como seguidores do grupo ortodoxo, pois segundo Irineu:

Eles fazem discursos ao povo com a finalidade de atingir os que pertencem à igreja, que eles chamam de gente comum ou gente de igreja e assim enganam e atraem os mais simples, simulando a nossa maneira de falar, para que venham mais vezes a escutá-los. (Adv haer, III, 15,2).

Ao que parece, os membros dos grupos gnósticos, ao se infiltrarem dentro da igreja, faziam um trabalho de convencimento para que, outros membros da igreja participassem dos círculos gnósticos e de suas reuniões secretas, que por sinal não eram autorizadas pelo bispo. Nessas reuniões não autorizadas, os líderes gnósticos tentavam questionar os ensinamentos da igreja, além de questionar os sacramentos ministrados pela Igreja, tais como o batismo e a eucaristia, para colocar em dúvida a fé das pessoas na igreja e em suas autoridades. O próprio Irineu nos relata o poder de convencimento dos gnósticos em tirar membros da Igreja para freqüentarem as suas reuniões secretas:

Se alguém, como um carneirinho, entrega-se a eles e segue suas práticas e sua redenção, logo se torna tão ensoberbado... que começa a andar com um porte emproado e empertigado, um semblante sobranceiro e o ar pomposo dos galos. (IRINEU *apud*: PAGELS, 1979, p. 68).

No contexto em que foi escrito “*Adversus Haereses*”, vários fiéis deveriam já ter abandonado a Igreja, para participar dos círculos gnósticos, ou para o desespero de Irineu, participavam ao mesmo tempo da Igreja e dos círculos gnósticos para atrair mais e mais fiéis para as reuniões secretas dos círculos gnósticos. O próprio Irineu queixava-se do dilema que estava vivendo enquanto bispo, pois certos membros de sua congregação vinham se reunindo em particular sem a sua autorização, o mestre gnóstico Marcos se autoneomeou líder, e passou a ministrar sacramentos e a encorajar as pessoas a ignorarem as determinações do bispo. (PAGELS, 1979, p.72).

Esse dilema era enfrentado por vários líderes da igreja, no início do século III, um bispo de Alexandria teve que decretar que não se podia dizer que os que freqüentavam grupos de estudos houvessem rompido com a igreja, pois “ainda” eram encarados como membros da congregação, mesmo ao serem apontados como alunos regulares de professores heterodoxos. (BROWN, 1988).

Segundo Pagels (1988) os gnósticos mais importantes sugeriam que os bispos e os padres ensinavam publicamente apenas as doutrinas elementares, e que eles próprios ofereciam mais, os mistérios secretos, os ensinamentos superiores, por isso, provavelmente era natural esse trânsito de fiéis entre a igreja e os círculos gnósticos cristãos. Muitos fiéis, frequentadores da igreja poderiam perfeitamente, ao entrar num círculo gnóstico buscar um maior aperfeiçoamento espiritual, mas a grande preocupação dos líderes da igreja, era que a autoridade do bispo fosse questionada.

Para Pagels (1979, p.66), o que ocorria era que, quando alguém se iniciava, por exemplo, na seita dos valentinianos, aprendia a rejeitar a autoridade do criador e a considerar as suas exigências tolices. Ainda de acordo com a autora:

Antes da gnose, o candidato adorava o demiurgo, confundindo-o com o verdadeiro Deus: agora, através do sacramento da redenção, o candidato indica que libertou-se do seu poder. Nesse ritual ele enfrenta o demiurgo, declarando a sua independência e

anunciando que não mais pertence a sua esfera de autoridade e juízo, e sim aquilo que transcende. (PAGELS, 1979, p.66).

Pagels (1979) observa que, ao renunciar ao demiurgo, o candidato necessariamente recusava a autoridade do bispo que era o representante deste, ou seja, a gnose oferecia justificação teológica para as pessoas se recusarem a obedecer aos bispos e padres.

Agora este e o seu ensinamento: não clamais ao pai na terra. Vosso Pai, que esta no céu, e único. Vos sois a luz do mundo. Eles são meus irmãos e meus companheiros que fazem a vontade [do Pai] De que vale conquistar o mundo e perder vossa alma? Pois quando estávamos na escuridão, costumávamos chamar vários “pais”, pois éramos ignorantes sobre o Verdadeiro Pai. (A INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO)

De acordo com Brown (1988) o que distinguia os gnósticos dos outros cristãos, aos olhos de seus inimigos, era o emprego que faziam do mito como veículo privilegiado da instrução religiosa. O movimento gnóstico foi aclamado como um dos grandes movimentos de recuperação do poder do mito no mundo antigo. Era comum nos textos religiosos da época a personificação de qualidades, o que talvez tornasse mais aceitável os mitos aos leitores. (OGRADY, 1994).

Eles dizem que existia, nas alturas, invisíveis e inenarráveis, um eôn perfeito, anterior a tudo que chamam Protoprincipio, Protopai e Abismo. Incompreensível e invisível, eterno e ingênito que se manteve em profundo silêncio e tranqüilidade durante uma infinidade de séculos (...). Ora um dia, este abismo teve o pensamento de emitir*, dele mesmo, um Principio de todas as coisas; essa emissão, de que teve o pensamento, depositou-a como semente no seio de sua companheira, o Silêncio. Ao receber essa semente, ela engravidou e gerou o Nous, semelhante e igual ao que tinha emitido e que é o único a entender a grandeza do Pai. Este nous também é chamado Unigênito, Pai e Principio de todas as coisas. Juntamente com ele foi gerado a Verdade. (...). O Unigênito tendo aprendido o modo como foi gerado procriou por sua vez, o Logos e Zoé, segundo a sizígia o homem e a igreja. (...) Cada um deles é masculino e feminino, da seguinte forma: inicialmente o Protopai se uniu , segundo a sizígia a Enóia, que eles chamam também Graça e Silêncio; depois o Unigênito, também chamado Nous, uniu-se a Verdade, depois o Logos, a Zoe, por fim, o Homem a Igreja. (Adv haer I, 1,1, p.31-32).

Segundo Brown:

Valentino foi o menos esotérico dos muitos guias religiosos gnósticos surgidos no século II. Afirmou ser um exegeta privilegiado da tradição cristã existente. As cartas de São Paulo e o Evangelho de São João foram centrais em seu ensino e no de seus seguidores. Valentino afirmava que apenas ele e seus discípulos haviam compreendido a extensão da transformação da criação inteira, que fora anunciada a humanidade pelo breve ministério de Cristo na terra. Os fiéis comuns contentavam-se em viver de acordo com as historietas enganadoramente simples, as parábolas caseiras e as ordens éticas banais contidas nos Evangelhos. Os iniciados valentinianos, ao contrário, tinham ouvidos para ouvir, nesses sinais humildes, o eco ténue mais inconfundível da notícia de um universo libertado. (BROWN, 1988, p. 98).

Mas se, os valentinianos condenavam a hierarquização da igreja, como eles se organizavam internamente?

4.0 A Organização Interna dos Valentinianos

Um primeiro ponto importante a ser ressaltado e que para os gnósticos as pessoas não vinham ao mundo em condição de igualdade. De acordo com Ogrady (1994) os gnósticos afirmavam que os seres humanos não vinham em condição de igualdade ao mundo, mas que existiam três tipos básicos deles. Em primeiro lugar estariam os “choics” aqueles com mentalidade terrena e carnal ocupados apenas com o mundo material. Depois os “psíquicos”, que viviam pela fé e pelas boas obras, na verdade estes seriam os cristãos comuns, os frequentadores da igreja e por fim os “pneumos”, derivados de pneuma, os próprios gnósticos

que tinham a Centelha divina dentro de si e que poderiam ascender a suas origens divinas, por que segundo o mito gnóstico, algumas sementes da divindade se Sofia, o desejo de sabedoria, haviam sido plantadas no homem gnóstico.

O objetivo dessa separação era resolver o problema do “nível intelectual e espiritual” dos participantes dos círculos gnósticos, mas isso acabava criando outras dificuldades, como a de selar o destino dos fieis, ou seja, os gnósticos já estariam salvos, enquanto que, por exemplo, os psíquicos já estariam de antemão condenados. Claro que, os mestres gnósticos argumentavam que os “indivíduos espirituais” deveriam ajudar os outros a ascender como aparece em “A Interpretação do Conhecimento”: “Alguém possui uma dádiva? Dividi-a sem hesitação” (A INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO).

Uma prática muito comum entre os membros que já haviam sido iniciados era a prática de um sorteio para organizar a função dos fieis em cada culto.

Irineu nos diz que, quando se reuniam, todos os membros participavam antes de tirar a sorte. Quem recebesse uma determinada sorte aparentemente era designado para assumir o papel de padre, outro oferecia o sacramento como bispo; um outro leria as Escrituras durante o culto; e outros se dirigiam ao grupo como profetas, oferecendo instruções espirituais espontâneas. Nas reuniões seguintes, a sorte seria lançada novamente, de modo a haver um rodízio contínuo de pessoas exercendo essas funções. (PAGELS, 1979, p. 70).

Podemos perceber nesse trecho, que segundo Pagels (1979) de Irineu de Lião desdenhava esses grupos e, principalmente com relação à organização destes, ou na sua visão, para alguém que pregava a sucessão apostólica provavelmente era inadmissível a escolha de um padre ou um bispo por meio de um sorteio, para ele um padre ou bispo deveria ser escolhido por seus dons carismáticos, e principalmente, fazer parte da linha de sucessão apostólica. Os gnósticos tinham uma leitura diferente dessa questão, se é que realmente ocorria esse tipo de sorteio. O sorteio poderia ser interpretado como uma recusa a uma estrutura hierárquica fixa, pois no sorteio todos podiam participar em condição de igualdade, tanto homens como mulheres, pelo menos os que atingiram um grau de espiritualidade mais elevado. O sorteio era interpretado, segundo Pagels (1979), como um desígnio de Deus, pois neste caso não haveria interferência.

Com relação aos sacramentos, sabemos que o candidato passava primeiramente por um ritual de iniciação, no qual ele recusava a autoridade do demiurgo e reconhecia a verdadeira fonte do poder divino, “as profundezas” de toda a existência. (PAGELS, 1979).

Antes da gnose, o candidato adorava o demiurgo, confundindo-o com o verdadeiro Deus: agora, através do sacramento da redenção, o candidato indica que libertou-se do seu poder. Nesse ritual ele enfrenta o demiurgo, declarando sua independência e anunciando que não mais pertence a sua esfera de autoridade e juízo. (PAGELS, 1979, p.66).

Os gnósticos valentianos também tinham um ritual de batismo.

[... O Primeiro] batismo [é o perdão] dos pecados [...] <quem> disse, [...] vos ao [...] vossos pecados o [...] e] um modelo do [...] de Cristo [que e] igual ao [...]dentro] dele [...]. Eis que Jesus [...]. Desse modo, o primeiro [batismo] e o perdão [dos pecados. Nos] fomos trazidos [daqueles] através [disso para] aqueles da direita, [ou seja], para a [imortalidade que e] o Jo[rdão]. (UMA EXPOSIÇÃO VALENTINIANA).

E um ritual eucarístico:

[Damos] graças [a ti e celebramos a eucaristia] O Pai, [lembrando o amor do] teu Filho, [Jesus Cristo que eles] se apresentam [...] invisível [...] teu [Filho ...] o [amor dele...] ao [conhecimento...] eles estão fazendo a tua vontade [através do] nome de Jesus Cristo [e] farão tua vontade [agora e] para sempre. Eles estão plenos [em] cada dádiva espiritual e [em cada] pureza. [A glória] esteja contigo através de teu Filho [e] teu fruto Jesus Cristo [agora e] para sempre. Amém. (UMA EXPOSIÇÃO VALENTINIANA).

Além dos rituais de batismo e eucaristia, os valentinianos tinham o ritual da unção:

[...] de acordo com [...] o tipo de [...] vê-lo. E necessário que [tu neste momento] envies teu Filho [Jesus] Cristo e o ungi para que possamos ser capazes de pisar nas [cobras] e [nas cabeças] dos escorpiões e [todo] o poder do Demônio, pois ele e um pastor [de sementes]. Por meio dele, nos [conhecemos a ti]. E sempre te [glorificamos]: [A gloria] esteja contigo, o Pai no [Filho, o Pai] no Filho, o Pai [na] Sagrada [Igreja e nos] [anjos] sagrados! De agora em diante ele habita [para sempre na] perpetuidade dos aeõns, para sempre ate os [não- identificáveis] aeõns dos aeõns. Amém. (UMA EXPOSIÇÃO VALENTINIANA).

Com relação ao casamento, os fiéis casados eram tolerados pelos valentinianos, eles eram chamados de *psychikoi*, distinguindo-se dos *pneumatikoi*, apesar de, para os valentinianos a atividade sexual ser considerada o sinal do homem não redimido, ele tinham de resolver o problema dos membros casados, e dar conta de inseri-los na comunidade. (BROWN, 1988).

Os valentinianos, diferentemente dos outros grupos gnósticos, não defendia uma absoluta abstinência sexual, a renúncia ao sexo era apenas um sinal externo de redenção do homem, e não a condição principal de redenção, inclusive os membros casados recebiam orientação apropriada. (BROWN, 1988).

Mas essa hierarquia entre psíquicos e pneumáticos poderiam causar alguns problemas entre os fiéis. Segundo Pagels (1979) os cristãos valentinianos seguiam uma prática que assegurava a igualdade de todos os participantes. Seu sistema não permitia que viesse a se formar nenhuma hierarquia e nenhuma “ordem” fixa dos clérigos. Como a função de todos mudava a cada dia, os motivos para se invejar pessoas proeminentes eram minimizados. Minimizados e não eliminados.

O que mudava a cada dia era função de cada pessoa e não o grau dos membros, isso demandava mais tempo. O autor do texto valentiniano “A Interpretação do Conhecimento” demonstra essa preocupação, o autor estava preocupado em falar para uma comunidade dilacerada pela inveja e pelo ódio no referente a dádivas espirituais. Ao que parece, os membros menos proeminentes tinham uma certa inveja dos membros considerados psíquicos.

Não vos aproximais de vossos irmãos com inveja e nem [...] escolhidos como se eles [...] vazios como se eles [fugissem ...] caídos de suas [...] são ignorantes que [dessa forma eles] possuem[...] deles em [...] para que possam [refletir] forcosamente sobre as coisas que vos esperais [que eles pensem] enquanto [estiverem pensando em] vos. [Nessas circunstancias,] vosso irmão [também possui sua] graça: [Não] subjuguai a vos mesmos, mas [rejubilai e daí] graças espiritualmente, [e] orai pelo [outro, para que] possais dividir a graça [que habita] dentro dele. (A INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO)

Outro problema gerado por essas divisões era um certo desprezo dos membros mais proeminentes pelos membros comuns, provavelmente os chamados psíquicos, uma situação muito diferente daquela pensada pelos mestres gnósticos, em que os membros mais maduros “espiritualmente” deveriam ajudar os outros a ascender.

Como sabeis [que alguém] é ignorante sobre os irmãos? Pois [vós] sois ignorantes quando [odiais a eles] e sois invejosos deles, como isso [não receberéis] a graça que habita dentro [deles], mostrando má vontade em reconciliá-los com a dádiva da Cabeça. Vós deveis [dar] graças aos nossos membros e [perguntar] se a vós também poderá ser concedida [a] graça a que eles foi ofertada. (A INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO).

O autor se identifica como um membro da igreja que aplica a teologia valentiniana para entender as Sagradas Escrituras, principalmente a metáfora de Paulo sobre o corpo e seus membros para o seu circulo de estudos. Talvez num ponto Irineu de Lião tivesse razão quando ele destaca que, muitos membros saem de seus círculos gnósticos para criarem outro sob sua liderança.

A partir de éstos de que he hablado, ya se han fabricado muchos engendros de herejías, por este motivo: muchos de ellos, más aún todos ellos, quieren ser maestros y así se separan de la herejía en la que estaban, e insisten en enseñar otros dogmas a

partir de otras opiniones, componiendo luego otras nuevas a partir de las otras para poder proclamarse inventores de cualquier opinión que les agrada. (Adv. Haer).

Ou seja, além do caráter sincretista dos círculos gnósticos, também havia essa questão de divergências dentro dos próprios círculos, por isso que sempre surgiam outros círculos e sub cultos gnósticos, enquanto que, a igreja que possuía uma estrutura hierárquica mais consolidada, conseguia resolver as divergências, ou assimilando os adversários quando possível, ou eliminando quando não era possível essa assimilação, como no caso dos valentinianos, que ao que parece, foram expulsos da igreja.

5.0 Considerações Finais

Esse artigo buscou refletir sobre a ruptura dos valentinianos com o grupo representado pelos cristãos ortodoxos. Julgamos que dois foram os principais motivos dessa ruptura dos valentinianos com a Igreja. O primeiro motivo seria a concepção que os valentinianos tinham de um Deus criador, seria muito difícil os valentinianos permanecerem dentro da igreja se a concepção deles sobre o Deus Criador do mundo era a de um Deus ignorante e enganador, e que o mundo foi criado a partir de um erro, ao contrário da ala eclesiástica que considerava o Deus Pai como bom e perfeito.

O outro motivo era a crescente hierarquização da igreja, com sua hierarquia baseada nos bispos, padres e diáconos, que cada vez mais monopolizavam o direito de ensinar e pregar e buscavam impor cada vez mais normas para os leigos. Os líderes da igreja seguiam o que eles chamavam de Tradição Apostólica, que seria basicamente uma linha sucessória de bispos, que remontaria aos apóstolos e a Jesus Cristo. Qualquer mestre que não fazia parte dessa linha sucessória era considerado um charlatão e propagador de heresias.

O grupo dos gnósticos valentinianos foi talvez o mais importante e mais ameaçador para a igreja, ao que parece, suas idéias atraíam muitas pessoas e o fato deles terem saído de dentro da igreja os tornava mais perigosos, pois muitos participavam tanto da igreja, quanto dos círculos valentinianos com o intuito de tirar, ou pelo menos, influenciar o maior número de fiéis possíveis com suas idéias, mas como vimos, ao contrário da igreja, os valentinianos não tinham uma organização muito complexa, a hierarquia era mais espiritual, por isso eles sempre corriam o risco da divisão e do enfraquecimento devido ao seu caráter sincrético e das dissensões internas.

6.0 Referências Bibliográficas

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade. O Homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

GEREMEK, B. Igreja. Romano, R (org) in: *Enciclopédia Einaudi* vol. 30. Mithos/logos/sagrado/profano. Lisboa: Casa da Moeda, 1987.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. São Paulo: Imago, 2001.

KOCHAKOWICZ, L. Heresia. Romano, R (org) in: *Enciclopédia Einaudi* vol. 30. Mithos/logos/sagrado/profano. Lisboa: Casa da Moeda, 1987.

O'GRADY, Joan. *Heresias*. São Paulo: Mercury, 1994.

PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Cultrix, 1979.

SIQUEIRA, Silvia Márcia Alves. *A efervescência discursiva sobre as mulheres nos movimentos marginais do cristianismo primitivo e a resposta da patrística*. In: FUNARI; Pedro Paulo A; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA; Glaydson da. *Amor, desejo e poder na Antiguidade*. Campinas, UNICAMP, 2003.

Fontes

LIÃO, Irineu de. *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 2005

LIÃO, Irineu de Lião. *Contra os hereges*. Extraído de: <http://sites.google.com/site/didascalion/bibliotheca-patristica>. Acesso em 24 de maio de 2011.

ATTRIDGE, Harold W, MAcRae. *O Evangelho da Verdade*. In: ROBINSON, James. A Biblioteca de Nag Hammadi. *A tradução completa das Escrituras Gnósticas*. São Paulo: Madras, 2007.

PAGELS, Elaine, TURNER, John D. *Uma exposição Valentiniana. Sobre a unção, Sobre o batismo A e B, e Sobre a Eucaristia A e B*. In: ROBINSON, James. A Biblioteca de Nag Hammadi. *A tradução completa das Escrituras Gnósticas*. São Paulo: Madras, 2007.
PAGELS, Elaine, TURNER, John D. *A Interpretação do conhecimento*. In: ROBINSON, James. A Biblioteca de Nag Hammadi. *A tradução completa das Escrituras Gnósticas*. São Paulo: Madras, 2007.